

ITANHAÉM

A CIDADE DA GENTE

Marta Góes

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de Olavo Costa e Jordí



ITANHAÉM

A CIDADE DA GENTE

Marta Góes
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Olavo Costa e Jordí**



OLHARES

São Paulo 2025



A Neoenergia Elektro e o Instituto Neoenergia têm orgulho em apoiar o projeto Itanhaém – A cidade da gente, uma iniciativa que celebra a memória, a cultura e o pertencimento de um povo que carrega nas raízes a força do litoral paulista e a riqueza de quase cinco séculos de história e patrimônio como a segunda cidade mais antiga do país.

Assim como levamos energia a milhões de brasileiros e investimos na modernização da rede e em iniciativas como a Escola de Eletricistas na região, acreditamos que a verdadeira transformação acontece quando somamos desenvolvimento e pertencimento.

Por isso, nosso compromisso vai além da geração e distribuição de energia elétrica: buscamos também contribuir para a construção de caminhos de conhecimento, promover a educação e fortalecer o vínculo das comunidades com seu território, ampliando sua voz com a participação dos alunos da rede pública municipal.

Ao apoiar esta publicação, reafirmamos nossa missão de investir em ações que inspiram o orgulho local e estimulam o olhar para o futuro, sem perder de vista o legado e as tradições que moldam a identidade da cidade. Que este livro seja uma ponte entre passado e presente – uma forma de eternizar histórias, valorizar patrimônios e reforçar o poder transformador da cultura – e que cada página acenda novas ideias e memórias, iluminando o futuro de Itanhaém e de sua gente.

Prezado(a) leitor(a), é com grande satisfação que apresentamos *Itanhaém – A cidade da gente*.

Este livro nasce de um diálogo essencial, que mobilizou a curiosidade dos alunos, a didática dos professores e o vasto conhecimento de autores, biólogos, artistas e moradores locais. A participação das escolas foi imprescindível, representando os diversos territórios da nossa região, garantindo que cada canto de Itanhaém fosse explorado.

A pesquisa envolveu ativamente as escolas da rede municipal, garantindo que as múltiplas vozes de Itanhaém fossem ouvidas e registradas. Nossos jovens se aprofundaram no estudo do nosso rico patrimônio histórico e cultural, resgatando o valioso legado dos povos indígenas e a tradição do povo caiçara, que forjaram nossa identidade.

Simultaneamente, eles exploraram e documentaram a vitalidade do nosso meio ambiente, com foco especial nas singulares fauna e flora e na beleza e na diversidade da Mata Atlântica e do nosso litoral. Outro destaque deste percurso de escrita foi a identificação de pontos históricos e culturais de nossa cidade, evidenciando a relevância de artistas itanhaenses inclusive em âmbito nacional como é o caso de Benedito Calixto.

É essencial destacar o papel transformador dos pilares que sustentam este projeto. Celebramos o trabalho incansável do corpo docente, o suporte estratégico do Departamento Pedagógico e, em especial, a visão da Equipe de Educação Ambiental da SEDUC. Sua atuação foi crucial para transformar a sala de aula em um laboratório de cidadania, consciência ecológica e pertencimento.

Esta obra prova que a melhor forma de construir o futuro é valorizando quem somos e de onde viemos. Fica o nosso mais caloroso convite: abra este livro e mergulhe no mar de histórias e belezas de Itanhaém. Sinta a cidade da gente, que agora é compartilhada com você.

Boa leitura!

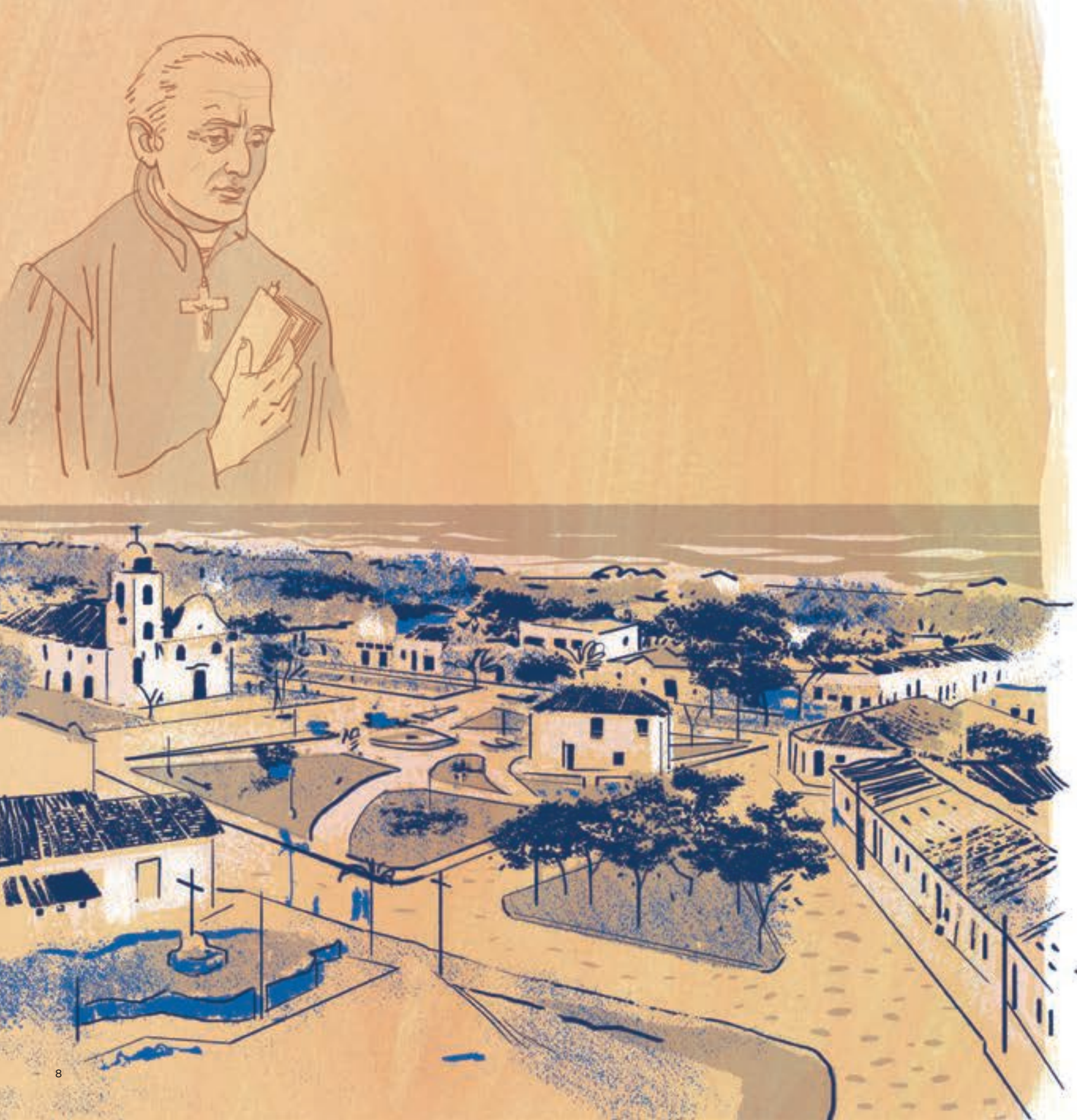
Hugo Di Lallo
Secretário de Educação



SUMÁRIO

- 10 CENTRO HISTÓRICO
- 16 UMA CIDADE ENCRAVADA NA MATA ATLÂNTICA
- 24 ENCONTRO DAS ÁGUAS
- 30 DO MANGUE À JARARACA-ILHOA
- 38 RIO PIAÇAGUERA E PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA
- 46 CULTURA CAIÇARA
- 52 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
- 58 BAIRRO BELAS ARTES
- 66 BOCA DA BARRA
- 72 A NATUREZA COMO ÁREA DE LAZER





Ao experimentar pela primeira vez o olhar de escritores para a cidade onde vivem, alunos de dez escolas municipais de Itanhaém descobriram que vivem cercados de histórias extraordinárias.

Construções do centro histórico são testemunhas do povoado que Martim Afonso de Sousa fundou em 1532, e dos mais de 30 anos que o padre José de Anchieta viveu ali. Itanhaém é a segunda cidade mais antiga do Brasil, depois de São Vicente.

Os caiçaras, como são chamados os nativos da região, são descendentes dos seus primeiros habitantes, indígenas, europeus e negros, como os primeiros brasileiros.

A floresta à sua volta é a Mata Atlântica, tema de tantos estudos e ações de preservação, e o Manguezal, por onde rios que descem a Serra do Mar chegam ao oceano, é um viveiro de fauna e flora, dos mais bem preservados do litoral brasileiro.

Itanhaém é hoje uma cidade balneária, uma das quinze do estado de São Paulo. Tem uma população de pouco mais de 112 mil habitantes – que pode ultrapassar 300 mil, nas temporadas turísticas. Impulsionado por todo esse patrimônio, o turismo é a principal atividade da economia local.

Os leitores deste livro vão descobrir Itanhaém levados pela mão de guias muito especiais. Mais do que estudantes aplicados, que fizeram a lição de casa e aprenderam sobre a cidade, eles são cidadãos que falam do lugar onde vivem. São os donos da casa, orgulhosos, abrindo as portas para as visitas.

CENTRO HISTÓRICO

EM Profª Silvia Regina Schiavon Marasca
Professora Agnes Cássia Santos Grillo
Turma 9º ano D

Quando o comandante português Martim Afonso de Sousa, donatário da capitania de São Vicente, fez sua primeira expedição ao novo mundo, em 1532, para conhecer as terras que ganhara do rei de Portugal, ergueu na colina de Itaguaçu a capela que daria início ao povoado de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém. Logo seriam construídas junto dela as primeiras casas da futura vila e cidade. Em torno do conjunto, uma cerca de troncos, ou paliçada, para proteger os recém-chegados dos habitantes da terra, os tupi-guaranis.

Até hoje o centro histórico de Itanhaém possui algumas dessas construções. A meninada, cheia de entusiasmo, produziu um guia turístico, para mostrar aos visitantes o valor desse cenário.

Beco de Sant'Anna

O beco existe desde 1530, época da colonização. Sofreu uma reforma alguns anos atrás, que ordenou as lojas ali instaladas e revitalizou o local.

Igreja Matriz de Sant'Anna

Foi construída em 1645, no estilo colonial. Abriga altares do período barroco e importantes obras da arte sacra paulista. Um deles é "O cristo", de Benedito Calixto.

Museu Conceição de Itanhaém

O prédio abrigou no passado a Cadeia e a Câmara Municipal, e foi construído nos primeiros tempos da antiga vila. Quando a cidade foi fundada, só existia a parte inferior da casa, onde funcionava a cadeia.

Convento Nossa Senhora da Conceição

Localizado no alto do morro do Itaguaçu. Sua construção se iniciou por volta de 1640 e é o registro vivo desse período. Sua capela é a primeira erguida no Brasil em homenagem à Nossa Senhora da Conceição.

Ana Julia Zababurim Ramos



Na visita da turma ao centro rolou um encantamento especial pelo Convento Nossa Senhora da Conceição. As histórias e os causos que se contam a respeito do lugar são incríveis, com direito a túneis misteriosos e a outras passagens de arrepiar:

Dizem os mais velhos que sob as pedras de Itanhaém, existe um túnel misterioso, escavado em segredo pelos monges há séculos. Conta-se que ele ligava o convento à praia, servindo de rota de fuga contra ataques de piratas. E que seguia até o rio, onde barcos escondidos aguardavam para fugas na escuridão da noite.

Muitos moradores mencionam ter ouvido passos abafados e ecos vindos das profundezas quando o convento silenciava. Há quem afirme ter visto uma abertura coberta por pedras, no porão, mas ninguém jamais ousou atravessar. O túnel permanece uma lenda cercada de segredos que o tempo insiste em não revelar.

Ythan Borges Matias da Silva

A arquitetura desses lugares faz parte do charme local. Mas o itanhaense sabe que o centro histórico é bem mais que um conjunto de belos edifícios antigos: é o próprio coração da cidade, onde história, memória e poesia se encontram.

Uma das cidades mais antigas do Brasil, Itanhaém abriga em suas ruas e edificações um rico patrimônio que remete aos tempos coloniais. Esses elementos não apenas contam a história da formação do país, mas também refletem as tradições e modos de vida dos habitantes ao longo dos séculos.

Além disso, o centro histórico é um espaço de identidade para a população. Preservá-lo ajuda a fortalecer o sentido de pertencimento da comunidade. A arquitetura colonial, os casarões, igrejas e praças conectam os moradores com suas raízes. A preservação é um ato de respeito à memória coletiva e à cultura local.

Júlia Vitória Alencar

Bem em frente à igreja, encontra-se a estátua de um grande personagem que amou aquela vista: o padre José de Anchieta. Professor, enfermeiro e amigo dos índios, e fundador, com o padre Manoel da Nóbrega, da escola que deu origem à cidade de São Paulo, ele viveu em Itanhaém entre 1563 e 1595. A cidade é conhecida, por isso, como “terra de Anchieta”.

O centro histórico

No coração da cidade repousa a memória, ruínas e pedras guardando a história, igreja antiga de fé e devoção, ecoam no tempo em cada oração.

Na praça central, o povo se encontra, entre artes, sorrisos, a vida desponta, a memória do centro ganha voz, ligando o passado e o hoje de nós.

Casarios coloniais de janelas abertas, revelam histórias, lembranças discretas, calçadas de pedras, passado sem fim, sussurram segredos guardados ali.

O pôr do sol pinta o céu de luar, no centro histórico é doce ficar, Itanhaém vento em brisa e clarão, cidade de alma, encanto e paixão.

Isabella de Souza Barreto



Fé e história

No alto da cidade ela se ergue, olhando o mar que nunca cansa, seus muros guardam, firme e leve, séculos de fé, memória e esperança.

O sino toca e a voz se espalha, chamando o povo pra se encontrar, no coração, a fé não falha, a reza voa no vento do mar.

Quem passa sente um certo encanto, seja turista ou morador, é como ouvir um velho canto, mistura de história, silêncio e amor.

Matriz querida, simples e forte, teu chão abriga gerações, na tua luz se encontra o norte, na tua sombra, as orações.

Gabriel Rian Oliveira da Conceição, Fábio Peterson Azevedo de Moraes, Isabella e Vitória Batista Cavalcante

UMA CIDADE ENCRAVADA NA MATA ATLÂNTICA

EM Profª Maria Aparecida Soares Amêndola
Professor Jorge Alves de Lima
Turmas do 6º ano

Engraçado pensar que a lendária Mata Atlântica, tema de livros, documentários, estudos, fica tão perto da gente – no final da rua da escola, por onde os alunos circulam todo dia, dá pra ver um pouquinho de sua vegetação. Itanhaém, aliás, é encravada na Mata Atlântica. Depois da pesquisa para este capítulo, a turma passou a olhar para ela com muito mais admiração.

O Raul e a Mirelly deram um mergulho na internet e fizeram um monte de descobertas:

A Mata Atlântica atual é o que resta da original, que cobria grande parte do litoral brasileiro. A região foi habitada durante milhares de anos por povos indígenas tupi-guaranis. Com a chegada dos portugueses, no século XVI, começou a ser desmatada para dar lugar à agricultura, à pecuária e à urbanização.

A Mata Atlântica de Itanhaém é o lar de grande variedade de plantas, algumas das quais são encontradas apenas por aqui. Por isso é tão importante protegê-la.

Mirelly dos Santos Souza e Raul Luiz Carvalho Capasio

Outros conhecimentos sobre a Mata Atlântica vieram de uma visita ao Parque Amazônia Paulista, no centro da cidade, a cinco quilômetros da escola. Ali, num pequeno museu do Centro de Educação Ambiental, os alunos ouviram explicações de uma estudante de Ciências Marinhas e de uma de Biologia, sobre a fauna, a flora e a vida marinha do território. E puderam ver os próprios animais, acredita? Alguns eram recriações artísticas, mas também havia carcaças e ossadas de verdade e animais taxidermizados – ou empalhados, como se diz informalmente –, que puderam ser tocadas e pegadas nas mãos.

A turma ficou sabendo também de coisas engraçadas sobre os bichos. “Você sabia que a maioria dos pássaros machos são coloridos para chamar a atenção das fêmeas?”, admira-se a Geovana Oliveira Carvalho. E aplaude: “a Mata Atlântica tem muitas curiosidades legais: basta você querer aprender”.

A Ana Clara Martins Costa gostou de saber que o bioma tem animais terrestres, aquáticos e até marsupiais – como o saruê. Mas ficou um pouco triste: “muitas vezes a Mata Atlântica é destruída sem propósito algum...”.

Jardim Comunitário

la ficando cada vez mais claro que um número incalculável de organismos vivos depende da floresta – e vice-versa. Pensando nisso, os alunos queriam conhecer histórias de preservação, e chegaram ao Jardim Comunitário Daniel Oliveira com muitas perguntas que tinham preparado. Eles se encantaram com a variedade das espécies, com as instalações feitas de material descartado e, principalmente, com a capacidade da professora aposentada Regina Muri, que construiu tudo aquilo com as próprias mãos. Com a ajuda de seu amigo Daniel, removeu o entulho que cobria a marginal da linha do trem, capinou o mato e começou a plantar. Pedras, pneus, louças quebradas e outros materiais foram transformados em vasos, calçamentos e cercas de canteiros. O lugar ficou colorido e alegre. Pouco antes da inauguração, Daniel morreu. Ela decidiu dar seu nome à obra, um sonho que sonharam juntos.



Os meninos e as meninas da escola manifestaram sua admiração pela professora Regina escrevendo cartas para ela.

Prezada Regina,

Ir lá no seu jardim comunitário foi muito legal. A senhora respondeu várias perguntas e mostrou muitas flores e árvores – como girassóis, cucas, coqueiros, mamoeiro e muito mais.

A senhora também nos deu picolés (que estavam muito bons). Mesmo a senhora não ganhando nada em troca, recebeu a gente muito bem.

Muito obrigado!
Atenciosamente,
Gabriel Henrique

Professora Regina,

Agradeço por tudo que a senhora propôs para nós. Obrigado por me ensinar o nome das árvores e das flores. Falar da sua rotina, da sua vida, da sua história. Agradeço também pela paisagem do seu jardim, pelas frutas que eu comi e pela pimenta* também!

Emmanuel E. M. Farias

* Depois que passa, fica engraçado, mas na hora foi mal. Emmanuel mastigou uma pimenta que colheu no jardim e parecia que sua língua tinha pegado fogo. Seu rosto ficou quente e vermelho e correram lágrimas de seus olhos. Ele foi salvo pelos picolés bem gelados que a professora Regina tinha comprado para receber os visitantes.

Querida Professora Regina,

Muito obrigado pelo seu trabalho. Ele vai além. O seu trabalho como educadora faz toda a diferença nesse lugar. Nem sempre o solo é fértil; às vezes, o que encontramos é um espaço abandonado, sem cor, sem cuidado nenhum; com lixo.

Mas você decidiu plantar com as próprias mãos, sem esperar por ninguém. Você regou cada canto, pintou cada espaço em branco, com esforço, persistência e amor. Você fez sozinha o que muitos achariam impossível: transformou o que era vazio e cheio de lixo em um jardim vivo, cheio de flores, bonito, cheio de árvores.

Onde antes havia silêncio, hoje há cor.
Onde havia abandono, agora há vida.
Tudo isso por sua causa.

Com carinho,
Isabella Vitória S. Martins



Cabuçu ou Vila dos Sapos

Todo mundo sabe que Vila dos Sapos é o antigo nome do bairro e que Cabuçu é o nome da avenida que leva à escola. Mas os autores deste capítulo descobriram muito mais. Para começo de conversa, ficaram sabendo que Cabuçu é a grande vespa azul que aparece no emblema da escola, e que alimenta os sapos da região.

Não havia na internet nada sobre o bairro, mas eles recorreram a uma fonte importante: moradores mais velhos do bairro, e olha só o que ouviram:

Pergunta: Conhece a Vila dos Sapos? Onde ficava?

Resposta: Sim. Ficava na avenida Cabuçu.

Pergunta: Como era?

Resposta: Em volta era uma lama só. Tinha muito um mato chamado de taboa. Na época do meu pai, a rua tinha muito brejo, então, quando alagava, juntava muito sapo e rã. Com isso, havia muito barulho (coachar). Daí dos sapos. Chamava muita atenção e ficou conhecida como Vila dos Sapos."

Pergunta: Descreva

Resposta: Muito tempo atrás, era uma pequena estrada e não tinha asfalto. O chão era de terra. Além dos sapos, tinha vários outros bichos, como raposa, gambá, cobra, galinha, porco do mato. O povo tinha que matar as raposas, para que elas não comessem as galinhas.

P – E como era o bairro?

R – A única escola existente na época era a Escola Estadual de Primeiro Grau Professora Maria Aparecida Soares Amêndola. Também havia uma creche, em uma das travessas, lá no começo da avenida, mas não me lembro o nome e hoje ela não existe mais. Não tinha a igreja de São Judas Tadeu. No atual supermercado Saito era uma padaria e o minimercadinho do Pestana.

Laiza Alves Lourenço Sobrinho, Laura Gonçalves Bini e Pedro Ramos Soares Matos

Outro grupo conversou com o sr. José, de 82 anos, morador da cidade há mais de 40 anos, que trabalhou como pedreiro.

Infelizmente, a avenida Cabuçu é conhecida por ser palco de alagamentos frequentes nos períodos de fortes chuvas – situação que se repete com bastante regularidade. Acontece que, há 40 anos, não existia essa avenida. Ali era um brejo com bastantes répteis e muitas espécies de sapos e pererecas. Com o passar dos tempos, os seres humanos começaram a tomar posse do espaço, época em que o bairro era conhecido como Vila dos Sapos.

Depois disso, ali começou a ter muitos terrenos ocupados de forma irregular. Com o passar dos anos, esses terrenos foram legalizados e começaram a chegar muitos moradores. Assim, o que era uma zona rural com o tempo foi se tornando uma zona urbana. Daí começaram os pequenos comércios – tipo padaria, mercados e bares.
Eduardo Trigo Monteiro da Silva, Geovana Oliveira Carvalho e Lucas Ribeiro dos Santos

ENCONTRO DAS ÁGUAS

EM Profª Maria Patrocina Condota
Professor Jhonattan Peres Nascimento
Turmas do 6º ano.

Dois rios descem pela cidade,
cada um com sua cor e verdade
O rio Branco vem claro, brilhando
O rio Preto vem firme, chegando.

Eles correm caminhos diferentes,
mas o destino é o mesmo, à frente
No Encontro das Águas, lado a lado,
o contraste se torna encantado.

Não brigam, apenas se misturam,
na dança suave que as ondas murmuram.
E o mar, imenso, vem receber,
as águas irmãs que chegam a correr.

Itanhaém guarda esse presente,
um espetáculo vivo, calmo e contente.
E quem vê de perto esse lugar,
leva no peito o rio e o mar.
Alicia Sousa da Silva Fidelis

Como mostra tão lindamente o poema da Alice, as águas fazem parte do DNA de Itanhaém, banhada por rios e pelo mar. O espetáculo que o pessoal da Escola Maria Patrocina Condota observou e vai descrever aqui é proporcionado por águas doces: o rio Branco, de água branca, encontra o rio Preto, de águas escuras, para formar o rio Itanhaém. Para isso a turma visitou a Ilha do rio Acima, também chamada de Ilha do Mauricinho, que fica bem na junção dos dois cursos de água (o motivo desse apelido é uma história que eles vão contar daqui a pouco).

Ana Alice explica por que adorou o passeio:

Para chegar à ilha, é preciso atravessar de barco (minha parte favorita) e quando você chega do outro lado, já se depara com uma vista linda, toda viva e cheia de cor. Na hora da junção das águas, dá pra ver certinho cada rio e os dois juntos, mas ao mesmo tempo separados. Acontece o mesmo que lá na Amazônia, onde unem-se os rios Solimões e Negro na formação do rio Amazonas. Por isso Itanhaém é chamada de Amazônia Paulista.
Ana Alice Gomes Medeiros

Ok – você deve estar se perguntando –, mas o que tem a ver, afinal, toda essa beleza com o apelido de Ilha do Mauricinho? A Ana Beatriz e a Sthefanny vão explicar:

A breve história do Maurício

Em uma ilha de Itanhaém, havia um menino chamado Maurício que tinha só um barquinho e um remo para ir para a escola. Então, todo dia era a mesma coisa: ele tinha que pegar seu barquinho e remar até lá. Depois de muito tempo, Maurício cresceu e abriu um restaurante na ilha, à beira dos rios. No restaurante há parquinho, campo de futebol e muita natureza. O Maurício ainda usa seu barquinho para ir a todo lugar, até hoje, mas, o menino que antes tinha só um barquinho e um remo para ir à escola, agora também recebe as pessoas de braços abertos e grande sorriso na chamada Ilha do Mauricinho.
Ana Beatriz Nogueira Scigliano e Sthefanny Victoria Crepaldi

O jeitão acolhedor do caiçara, que o Mauricinho representa muito bem, inspirou as meninas da escola. Olha só alguns dos poemas que a turma escreveu:

Coração do litoral

Nas praias onde o vento encontra o mar
Vive o povo caiçara, a tradição a preservar
Entre a pesca e o artesanato
nasce a essência de um povo tão amado

Entre redes estendidas e barcos a balançar
o dia começa cedo
com histórias pra contar
O peixe fresco na mesa
e o artesanato na mão
Vão além do sustento
são guardas de geração

Na dança da maré,
a vida segue devagar,
respeitando a natureza,
o tempo e o lugar
e em cada olhar sereno
a certeza a brilhar
ser caiçara é viver em paz
com o mar.

Hellen Beatriz Gonçalves Saraiva



Sou do mar

Cheguei de mala pronta
pela estrada e pelo vento.
Itanhaém me fez a conta
de um belo encantamento.
No Parque Amazônia,
vi verde vivo a se espalhar,
as folhas contavam pra mim
histórias do mar e do ar.

Segui o rio em sua dança,
claro e escuro a se tocar.
Como um amor que não cansa,
mesmo sem se misturar.

No sorriso que me aquece,
no jeito de se abraçar,
sua cultura me encanta,
caiçara, sou do mar.
Mannuela Luiza Leite da Luz

O mar e as histórias de pescador também mexeram com a imaginação da turma. A Isadora escreveu um conto sobre Lucas, Antônio e Júlia, meninos de uma ilha que aprenderam com o avô a respeitar o mar. Veja o que aconteceu quando tentaram atravessar para o continente numa noite de tempestade:

A caminho do barco, o vento quase os derrubava, uma onda grande bateu e Júlia caiu na água.

– Segura! – gritou Lucas, puxando-a para fora da água.

Quando chegaram ao barco, viram uma luz azul no mar de Itanhaém. A luz tomou a forma de um homem feito de água e espuma: era o Guardião do mar.

– Vocês foram corajosos. Sempre cuidem do mar e da ilha. O mar vai cuidar de vocês também.

Eles ficaram muito assustados, até porque foram pegos de surpresa. Queriam sair de lá o mais rápido possível, mas, quando Lucas foi tentar ligar o barco, ele não funcionou. Lucas ficou preocupado.

– Vocês querem ajuda? – disse a voz.

– Sim, o barco não está querendo ligar!

Então o homem fez um movimento com a mão em direção ao barco. Logo depois, desapareceu. Lucas e Júlia não podiam acreditar: o céu, antes escuro, agora clareava. Os três conseguiram retornar para a vila de Itanhaém, cansados, mas felizes por superarem aquela situação. Desde aquele dia, Lucas, Antônio e Júlia nunca esqueceram do que viram e passaram a respeitar ainda mais as lendas, histórias e a cultura caiçara.

Isadora de Souza Santanna

A história romântica que Carine criou faz um paralelo entre o encontro das águas e o de dois jovens. Uma moça chamada Marina morava na Ilha do Rio Acima com a mãe e o irmão, e sempre saía sozinha para pescar, até que um dia...

Marina estava pescando, quando apareceu um homem e a chamou. Seu nome era Cauã, um simples caiçara. Eles conversaram e combinaram de se encontrar todo dia.

Falavam sobre tudo: sobre o rio, os peixes, as estrelas e o mar. Marina começou a sentir que havia algo especial em Cauã, e que estava gostando verdadeiramente dele.

Uma tarde, Cauã a levou para ver o encontro das águas. Marina viu dois rios, um de águas claras e outro de escuras. As águas se aproximaram devagar, deslizando lado a lado, como se estivessem escolhendo um momento certo para se unirem. Cauã disse que os rios são diferentes, mas andam juntos em direção a seu destino.

Como os rios, os dois continuaram a se encontrar, talvez esperando o momento certo de se unirem também em um único destino.

Carine Camargo da Silva



DO MANGUE À JARARACA-ILHOA

EM Profª Noêmia Salles Padovan
Professora Angela Rizetto dos Santos
Turma 9º ano A

O bairro do Guapiranga, onde fica a escola e os bairros do entorno – Umuarama, América e Coronel – são vizinhos de uma das grandes riquezas ambientais de Itanhaém: o manguezal. Para que a turma pudesse conhecê-lo melhor, a professora Angela organizou uma visita à marina Miraguaia, em frente ao mangue. Na data marcada, o dia estava lindo, sem chuva, e eles puderam observar a flora e a fauna e encontrar respostas para as perguntas que tinham preparado. Na escola, nos dias seguintes, escreveriam sobre a experiência. Um dos textos que produziram é o relato da Allyce, em forma de crônica:



Por que há lixo na rede?

Fomos convidados a dar um passeio pelo rio Curitiba, que se encontra com o rio Itanhaém. O barco não era muito grande. No caminho, pudemos observar uma bela paisagem, aves lindas como a garça azul e o guará-vermelho. Observamos a boa conservação do mangue e a professora nos contou que o nosso manguezal é o segundo maior do estado de São Paulo .

Seguimos de barco até o ponto onde o pescador Marcos, o Bagre, costuma pescar.

Ele jogou a rede e puxou.

– O que é isso? perguntou Paula ao pescador.

– Lixo! – respondeu Bagre.

A reação de todos foi de indignação. A aluna então quis saber:

– Por que há tanto lixo no rio? Por que tanto lixo na rede?

– Vou tentar resumir: é culpa do ser humano que não sabe descartar a sujeira e joga lixo no chão.

A professora completou:

– Esse lixo que vocês estão vendo aqui vem muitas vezes das ruas da cidade. A chuva o leva para os bueiros, dali ele chega aos rios, e acaba indo parar no mangue.

Ficamos todos em silêncio por alguns instantes, olhando para aquele monte de garrafas plásticas e sacolas misturadas à rede do pescador. Era triste pensar que um lugar tão bonito e tão importante como o manguezal estava sendo prejudicado por causa da falta de cuidado das pessoas.

Paula ainda comentou:

– A gente aprende na escola sobre reciclagem e sobre cuidar da natureza, mas na prática muitos esquecem disso.

O pescador Bagre balançou a cabeça e disse:

– Precisamos de jovens como vocês, que aprendam e passem adiante a importância de preservar a natureza.

Na volta, continuamos observando o manguezal. As aves, as raízes e o encontro das águas. Ficou em todos nós a responsabilidade de cuidar melhor para que, no futuro, a rede de um pescador traga apenas peixes... e não lixo.

Allyce Sansão Nascimento

Mas afinal o que é o mangue? A Ana Clara escreveu uma dissertação explicando em detalhes. Poderia muito bem ser um artigo de jornal. E ela reforça o alerta do pescador, descrevendo como animais, plantas e pequenos organismos agem em conjunto para a saúde do mangue.



O manguezal serve como um filtro para a água que vem do mar e como abrigo para muitos animais, protege a cidade contra enchentes e marés fortes e ajuda a manter o equilíbrio da natureza. Muitas pessoas que vivem perto do manguezal dependem dele para pescar, catar caranguejos e outros alimentos. Elas aprendem com a natureza e ajudam a cuidar e preservar o mangue, evitando lixo e desmatamento.

O manguezal de Itanhaém localiza-se principalmente no rio Itanhaém e junto a seus afluentes, como o rio Curitiba e o rio Campininha. Abriga uma rica variedade de vida selvagem.

Muitos peixes de água salobra vivem ali. O principal é o robalo, conhecido como “Rei do Mangue”, por ser briguento quando é fisgado, dando muitos saltos e tomando muitas linhas de carretel. Outro peixe popular é a tainha, importante na pesca artesanal e na culinária. A presença do parati é um sinal de que a água do mangue tem boa qualidade. Também encontrado ali, o bagre, conhecido pelos bigodes, ou barbilhões, que usa para sentir o ambiente, é saboroso, mas pode ser perigoso, por guardar veneno em suas espinhas mesmo estando morto.

Jacarés, tartarugas, arraias, tubarões e muitos outros animais dependem do mangue, além de diversos insetos, anfíbios, répteis e microrganismos essenciais para a decomposição da matéria orgânica e o equilíbrio das cadeias alimentares.

Seres humanos, animais e plantas utilizam o mangue como lar, fonte de alimento, espaço de reprodução e local de passagem durante migrações. Todos estão conectados e dependem desse ecossistema saudável para sobreviver.

Nas escolas e nas comunidades que vivem perto de manguezais – mas não só nelas – é necessário aprender sobre a sua importância, para saber cuidar e preservar. Precisamos evitar jogar lixo nos rios, nas praias e no mangue; não desmatar, respeitar os animais e apoiar a preservação. Cada pessoa pode fazer sua parte ao visitar esses lugares com respeito. Cuidar do manguezal é cuidar da vida, da cultura e do futuro de todos nós.

Ana Clara Fontes França

Um poema escrito pelo Heber, inspirado nas lembranças do passeio, dá a maior vontade de visitar o manguezal.

O rio encontra o mar devagar,
e ali o manguezal começa a respirar.
A água é calma, mas às vezes se agita,
trazendo folhas, galhos e vida bonita.

As raízes parecem mãos no chão,
segurando firme contra a força do clarão.
São tortas, fortes, cheias de lama,
mas guardam um lar para quem ama.

O cheiro é mistura de mar e terra,
lembrando a chuva que o vento encerra.
O ar é úmido, quente e salgado,
como abraço de amigo apertado.

Garças brancas ficam paradas,
olhando a água, sempre concentradas.
Quando veem um peixe passar
baixam o bico para o capturar.

Caranguejos correm pelo chão molhado,
uns são vermelhos, outros dourados.
Eles entram e saem de buracos de lado
sempre atentos a qualquer movimento

Ali, tudo vive em paz e união,
Cada animal tem sua razão.
O manguê protege, alimenta e cuida,
e sua importância ninguém duvida.

O manguezal é simples e verdadeiro,
é casa, é vida, é um mundo inteiro.
E em Itanhaém, quem pára e vê,
sente o coração bater com o manguê e a maré.
Heber Becker de Passos



A detailed illustration of a Jararaca-ilhoa snake, a species found on Ilha das Cobras. The snake is coiled on a thick, brown tree branch. It has a yellowish-green body with dark blue or black wavy patterns. Its head is raised, showing its eyes and mouth. The background is a lush green forest with various trees and foliage, rendered in a painterly style with visible brushstrokes.

O outro tema escolhido pelos alunos é a Jararaca-ilhoa, uma espécie que só existe na Ilha das Cobras, no litoral de Itanhaém – uma Unidade de Conservação Federal, cujo nome oficial é Ilha da Queimada Grande. Chama-se assim porque faziam muitas queimadas para espantar as cobras, que sempre existiram por lá em grande quantidade. Por ser uma espécie rara e temida, correm pela internet muitas lendas sobre a Jararaca-ilhoa. A palestra de um biólogo e veterinário, Daniel Monteiro Bortone, para os alunos da escola, desfez enganos e separou o que era falso do que é verdadeiro sobre a jararaca.

Você sabia?

Que a Jararaca-ilhoa é uma predadora endêmica da Ilha-das-cobras, que foi naturalmente separada do continente evoluindo para uma espécie distinta? Ela sofreu mudanças físicas graças ao ambiente da ilha, algumas dessas mudanças são:

1. Hábitos alimentares: com o passar dos anos os roedores desapareceram da ilha. Sem ratos para caçar, elas tiveram que subir em árvores para caçar pássaros migratórios.
2. Modificações anatômicas: já que tinha que subir em árvores e precisava melhorar a circulação de sangue, seu coração passou a ser mais próximo à cabeça, que ficou maior e mais achatada.
3. Modificações para caça: como ficava nas copas das árvores esperando suas presas, ficou mais amarelada para se camuflar nas folhas e a cauda ficou mais escura para se disfarçar de verme e servir de isca.
4. Modificação de ataque: as presas são retráteis e menores, elas agora são projetadas para trás, para firmar na carne da caça. Antes ela apenas mordida o roedor e o soltava para o veneno fazer efeito, mas como está lidando com pássaros, deve segurá-los até eles não se mexerem mais.
5. Dieta: seu consumo básico é de aves migratórias que pousam na ilha para descansar. Seus favoritos são o Sabiá-una e a Guaracava de crista branca.
6. Predadores: aves predadoras, principalmente o gavião.

Maria Fernanda Brito

RIO PIAÇAGUERA E PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA

EM Walter Arduini

Professora Áurea Silvano dos Santos

Turma 5º ano A

Para escrever sobre esses dois temas da natureza de Itanhaém, os autores deste capítulo usaram uma forma de narrativa muito utilizada na cultura indígena – as lendas.

Antes, porém, trataram de aprender sobre o rio e sobre o pássaro. Quando foram conhecer o rio Piaçaguera, ficaram sabendo que sua cor escura, motivo do apelido “Rio coca-cola”, se deve à matéria orgânica que suas águas carregam – restos de folhas e raízes –, e à presença de ferro em sua composição. Depois, assistiram na escola a uma palestra de dois biólogos, José e Gabriel, estudiosos do papagaio-de-cara-roxa, escolhido como a ave-símbolo de Itanhaém.

Trata-se de um animal ameaçado de extinção, mas alguns alunos sortudos já o tinham visto perto de suas casas. Os casais dessa espécie reproduzem sempre numa mesma árvore e, se ela é derrubada, não procuram outra – param de procriar. Como se não bastasse, eles ainda são vítimas de caça ilegal. Vivem cerca de 60 anos, e se alimentam de frutos, folhas e pequenos invertebrados.

Um dos momentos mais emocionantes da pesquisa foi a visita a uma aldeia indígena, a Nhamandu Mirim, uma das cinco localizadas na Terra Indígena Piaçaguera, no litoral de São Paulo, com 250 habitantes. Foram recebidos pela vice-diretora da Escola Estadual Indígena da aldeia, a professora Lenira. Assistiram a uma peça teatral – A lenda do grão sagrado –, encenada por crianças e adolescentes de lá e depois brincaram com eles de jogos e brincadeiras tupi-guaranis.

Quando chegamos, vimos que são bem diferentes de nós, falam língua indígena e as vogais deles são A, E, I, O, U, Y. A gente brincou de várias coisas, como Morto vivo, que em tupi-guarani é *pekuan*, vivo, e *pegapu*, morto, e de Mocoi: eles falavam um número de 1 a 5 e tínhamos que formar um grupo com a quantidade falada. Na brincadeira de rei, duas pessoas ficavam no centro da roda de crianças, uma atrás da outra. Tudo o que a pessoa da frente fizesse, a de trás tinha que imitar.

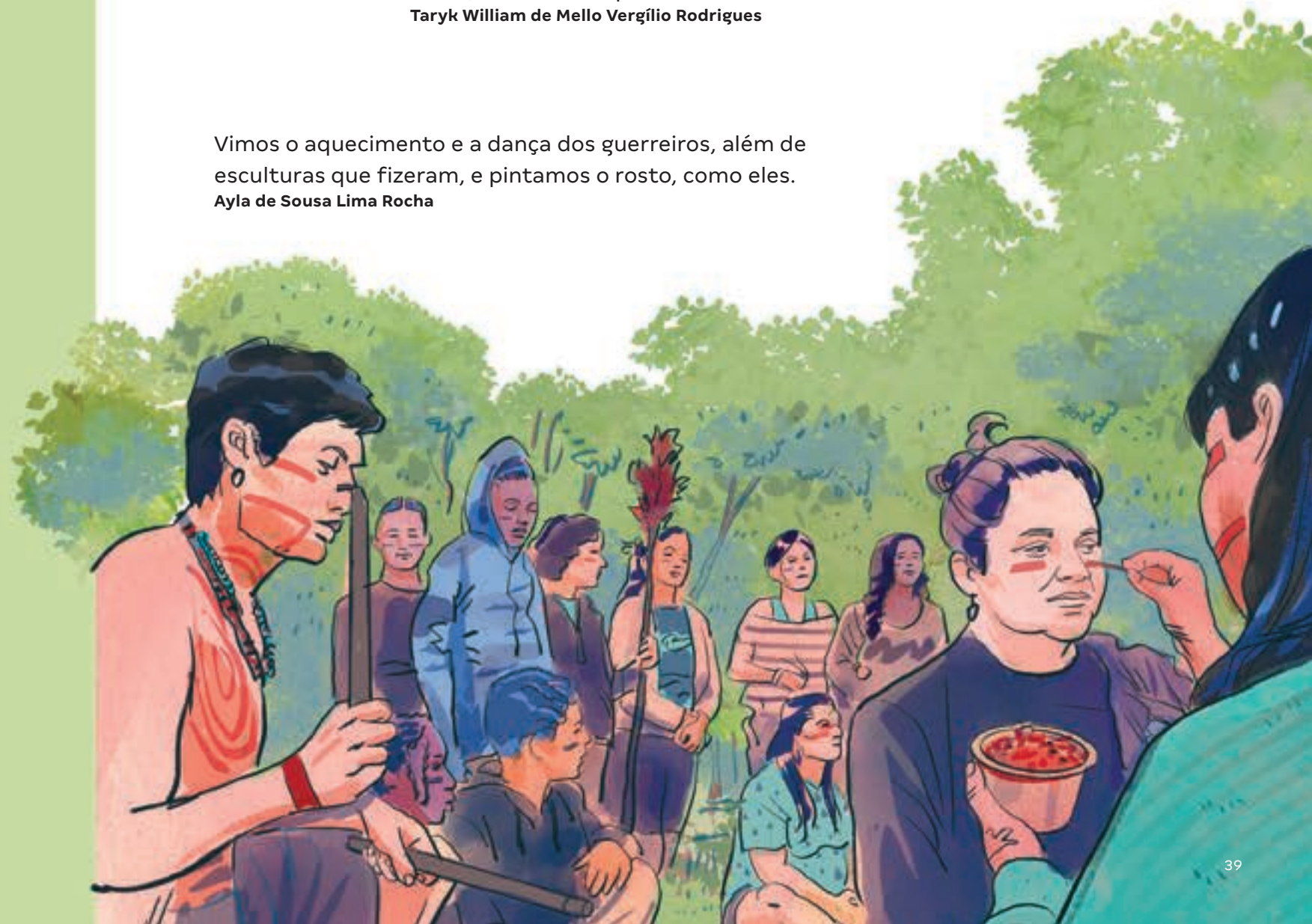
Ana Júlia Lima da Silva

Aprendemos sobre a cultura e sobre itens que eles usam, como arco e peneira.

Taryk William de Mello Vergílio Rodrigues

Vimos o aquecimento e a dança dos guerreiros, além de esculturas que fizeram, e pintamos o rosto, como eles.

Ayla de Sousa Lima Rocha





Inspirada na lenda do grão sagrado, que viu em cena (e que era um grão de milho), e lembrando de tudo o que observou, a Ana Clara criou sua lenda:

Há muito tempo, em uma aldeia chamada Itanhaém, no litoral paulista, havia um rio chamado Piaçaguera. Era um rio cristalino, tinha muitos peixes, e que era importante para a vida dos indígenas.

Nessa aldeia, moravam dois irmãos que adoravam brincar no rio: Lara e Kauã. Todos os conheciam – os pescadores, as outras crianças e os demais moradores. Certo dia, eles foram brincar. Lara estava comendo e, quando acabou, jogou o resto de comida na água. Seu irmão Kauã, que era mais velho, a repreendeu:

– Como pode uma menina educada como você jogar lixo no rio?! Isso não se faz. Desse jeito vamos ficar sem o rio.

– Não faz mal, não – retrucou a irmãzinha.

E continuou a fazer aquilo nos dias seguintes, até que Anhangá, o espírito protetor da floresta, perdeu a paciência: “Como pode uma menina educada e bela como Lara fazer esse mal danado?! Não posso deixar assim. Vou lançar um feitiço, tirar os peixes e deixar o rio com uma cor preta alaranjada”.

Um belo dia, Lara jogou mais uma vez seu resto de comida no rio, e quando olhou para ele, percebeu não tinha mais peixes e que era agora preto alaranjado. Lara deu um grito:

– Não acredito, isso é tudo culpa minha! Devia ter escutado meu irmão – e saiu chorando pela floresta.

A notícia do ocorrido se espalhou e todos ficaram chocados, pois era um feitiço sem volta. É por isso que o rio tem essa cor. E Lara aprendeu a lição.

Ana Clara Boré Lima

A lenda criada pelo Taryck é sobre o famoso papagaio.

Há muito tempo, em uma floresta de Itanhaém, em Arani, cheia de rios, árvores e pássaros, vivia um único papagaio, alegre, agitado e curioso, que voava com suas asas cobertas de penas verdes, como as de todos os papagaios. Quando passava por uma aldeia, todos o conheciam e davam frutas, e avisavam:

– Nunca vá para o meio da floresta.

O papagaio perguntava por que o meio da floresta era tão perigoso e ninguém respondia. Um dia, depois de perguntar muitas vezes, decidiu não ir à aldeia e voou para o meio da floresta. Lá, descobriu o segredo escondido: uma fruta rara, que vinha direto do centro da terra, e era protegida pelo Jurupari (personagem da mitologia indígena).

Pequeno e esperto, ele se disfarçou com suas penas e ficou parecendo as folhas verdes das plantas. Aproximou-se da fruta e a comeu.

Jurupari viu e partiu para cima dele, mas antes que o alcançasse, um raio caiu no pássaro e veio do céu uma voz:

– Você, pequeno papagaio, teve a ousadia de vir aqui e comer a fruta proibida?!

Era voz de Tupã, deus criador do trovão, dos tupis-guaranis.

O papagaio assustado respondeu:

– Não, grande Tupã, todos falavam pra não vir aqui, mas eu não sabia que essa fruta era proibida.

Tupã então falou:

– Sua curiosidade trouxe consequências. Para que todos se lembrem do que fez, você carregará uma marca que jamais sairá.

Desde aquele dia, o papagaio passou a ter uma marca roxa no rosto. E todos os papagaios de sua espécie nasceram com a cara roxa.

Moral da história: Às vezes, regras quebradas deixam marcas que nunca saem.

Taryck William Vergílio de Mello Vergílio Rodrigues





Erick também criou uma lenda para explicar a cara roxa do papagaio símbolo de Itanhaém:

Há muito tempo, existia uma floresta mágica perto da cidade de Itanhaém, cercada por rios e cheia de pássaros coloridos. Era um lugar alegre, onde todos viviam em harmonia.

Entre tantos pássaros, havia um papagaio diferente: era curioso, desobediente e malcriado. Nunca ouvia os conselhos dos mais velhos e sempre queria fazer o contrário do que lhe diziam.

Naquela floresta também havia uma aldeia, e dentro dela crescia uma árvore mágica chamada Ibiá, que dava frutos lindos e roxos. Esses frutos eram sagrados e protegidos pelos espíritos da natureza. Nenhum animal ou pessoa podia tocá-los sem permissão.

Um dia, levado pela curiosidade, o papagaio voou até a aldeia. Ao ver os frutos brilhando na árvore, não resistiu: pousou em um galho e comeu um deles. Nesse instante, Anhangá, o guardião da floresta, viu o que aconteceu e contou a Jurupari, o espírito da punição.

Como castigo por sua desobediência, o papagaio foi transformado: sua cara ficou roxa, marcada para sempre como lembrança do erro. Desde aquele dia, todos os papagaios que desrespeitam as regras da natureza carregam a mesma marca.

Moral da história: Quem não respeita a natureza e suas regras acaba sofrendo as consequências de seus atos.
Erick Alves Limeira

CULTURA CAIÇARA

EM Profª Dalva Dati Ruivo

Professores André da Costa Lopes e André Luís Leite Alves

Turmas do 8º ano

Os indígenas tupis chamavam de caa-içara as cercas de estacas em volta das aldeias e as armadilhas para peixe, feitas de galhos fincados na água – os currais de peixe. Com o tempo, passaram a ser chamados de caiçaras os brasileiros da porção do litoral entre o sul do Paraná e o meio do estado do Rio de Janeiro, descendentes dos primeiros habitantes indígenas, europeus e negros, e tudo o que se refere a eles: culinária caiçara, economia caiçara, cultura caiçara...

Por viver entre o mar e a floresta, os caiçaras sempre recorreram à caça e, sobretudo, à pesca. Até hoje, o peixe é importante para o seu sustento, por isso a pesca apareceu muitas vezes nas conversas com moradores de Itanhaém. Faz parte também dos lugares visitados para a pesquisa do livro: Praia dos Pescadores, Praia do Suarão e Mercado de peixe do Guaraú. Além disso, está no centro de um projeto que se encaixou como uma luva nessa pesquisa: o Caixas de Pescados – um olhar jovem sobre os mercados de peixes de Itanhaém.

Esse projeto oferece oficinas de fotografia para adolescentes e os convida a fotografar os mercados. Assim, eles passam a observar o que tem ali, suas formas e cores, e o convívio que acontece entre pescadores, comerciantes e compradores. Tudo a ver com o trabalho de escrever sobre a cultura caiçara, não é? O resultado são os textos a seguir.

Antiga vila de pescadores e um dos povoados mais antigos do município, o bairro de Suarão é um remanescente da cultura caiçara. Ao chegar lá, Guilherme percebeu que tinha raízes ali:

Suarão é caiçara

Quando vou ao Suarão
Sempre faço questão de ir à praia.
E isso me faz lembrar
De quando eu ia para o alto-mar.
Eu e meu avô éramos
Apaixonados por pescar,
E ele me ensinou
O que realmente é a Cultura Caiçara
E me fez, por ela, ficar apaixonado.
Sabe...sou poeta
E, graças à cultura caiçara,
Vi um grande mar... diferente.
E às vezes sinto saudades
Da praia, das ondas
E do amar do meu avô.

Guilherme Rodrigo Santos Souza

A Letícia homenageou a beleza do
Suarão com este poema:

Suarão vivo de mar e esperança,
As ondas quebram serenas
Na areia quente e na brisa.
Teu céu se pinta de aurora,
Nas manhãs o mar ali namora.
Um toque quase irreal.
Casas guardam memórias,
Risos e fé...
A praça escuta histórias,
Ao cair da tarde,
A estrada se cobre em mil tons.
E Suarão se despede ao som do sol.
Letícia Kamilly Alves Martins

E olha que incrível. Em parceria com os professores, os alunos.
também compuseram uma canção:

D C9 G/B D
Suarão, bicho grande, esturro de onça
C9 G/B D
Nossa Senhora do Sião, lemanjá,
C9 G/B
brisa do Mar...
D
Estação
D C9 G/B D
Suarão, bicho grande, esturro de onça
C9 G/B D
canoa caiçara, picaré,
Vila de pescador
C9 G/B
tainha, robalo...
D
Quem quer?
C G
Teu nome vem da lenda e do mar, Suarão
C G
Tua história nasce das raízes do jundu
D A
E o canto da coruja anuncia o porvir
D A
A lua iluminará em todo canto
C G
É no encanto deste lugar que eu quero estar
D
Suarão
Produção coletiva

O Suarão tem dois monumentos arquitetônicos: a Igreja Nossa Senhora de Sion e a antiga Estação Ferroviária. A religião católica é muito presente no modo de vida da comunidade. O sincretismo religioso, que mistura o catolicismo e as religiões de matriz africana, é forte na região, como se pode ver na entrevista que a Evelyn fez com a Daniela Mendes e, mais ainda pelo nome do terreiro de Umbanda que ela dirige: Terreiro Nossa Senhora do Rosário, Pai Francisco e Caboclo Girassol.

P – O que significa esse o nome?

R – Ele vem de uma homenagem a uma graça da Santa e também tem relação com os mentores espirituais da mãe de santo da casa.

P – Quem teve a ideia de abrir o terreiro?

R – Os guias da mãe da casa

P – Qual a relação dessa religião com a cultura caiçara?

R – São relações de ancestralidade, os caiçaras são muito religiosos e acreditam em cuidados de espíritos ancestrais.

P – Fale um pouco de Iemanjá, da sua relação com o mar, com a pesca e com os pescadores.

R – Iemanjá é a orixá chamada de Mãe das Cabeças, senhora das águas do mar e de todas as águas, pois todas desagüam no mar; quando o pescador vai para o mar, reza para a orixá pedindo proteção e uma boa pesca. E Iemanjá abençoa se for para subsistência da família e para não ferir o mar.

Evelyn Reis Monteiro

Outro tema que permanece no imaginário dos habitantes, por ter contribuído muito para a economia da região, é o trem. Você vai ver que ele volta a ser lembrado logo adiante, mas o João Vitor quis contar um pouco sobre a Estação do Suarão, agora desativada.

Entre trilhos gastos e ferro frio
A estação adormece no tempo vazio
Havia risos, chegadas e partidas
Hoje há apenas o som da vida.
A maresia atravessa a plataforma em ruínas
Como uma voz que ainda ensina
Que mesmo na areia, na sombra do chão
Vive a memória da estação do Suarão
João Victor Previati

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

EM Profª Maria da Penha Correa Sanches
Professora Andréia da Silva Rebouças
Turma 4º ano A

Não dá para falar em Itanhaém sem falar da Sorocabana, como é conhecida a antiga estação ferroviária da região, construída em 1913, uma das paradas de um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana. Os trens que circulavam pelo ramal faziam um caminho compridão que ia de Santos até Juquiá, passando por Itanhaém. Durante boa parte do século XX, eles foram o principal meio de transporte de pessoas e de carga da região, o que fez a estação ficar gravada na memória dos seus moradores mais antigos. A Jhennyfer nunca andou de trem, mas relatou lembranças que a avó guarda sobre suas viagens:

Eu vou falar sobre o trem. Eu nunca andei de trem, mas muitas pessoas falam que era muito legal. Tem uma música que foi feita pela família Zwarg.

O trem é um meio de transporte terrestre e era a forma mais usada para se locomover de um lugar para o outro. Naquela época era muito difícil ter um carro porque era muito caro, poucas pessoas tinham.

O trem passava por vários lugares, por exemplo: Itanhaém, Peruíbe, Itariri, Pedro de Toledo, Miracatu e Juquiá.

Minha vó andava de trem e me disse que a vista era muito bonita e cheia de cor, cores muito vibrantes. Eu amei escrever para vocês.

Jhennyfer Cristina Rubio Araujo



A primeira parada da pesquisa sobre o trem na nossa cidade foi para conversar com a professora Helena Gouveia, que contou várias das suas lembranças de viagens, na infância. O balanço dos vagões e a beleza das paisagens pela janela se destacaram nos relatos que a turma escreveu sobre esse encontro:

A professora Helena contou histórias do trem de quando ela viajava de Peruíbe até São Paulo. Falou que o trem balançava como se estivesse dançando, e que de dentro dele se viam as montanhas, bem altas e bonitas. Eu achei legal a história do trem de Itanhaém.

Vitor Gabriel de Oliveira Almeida

A Helena contou que tinha trem de carga e de passageiro e que se você queria viajar, precisava ir até o ponto onde o trem parava, a estação.

Lucas Gabriel da Silva Martins de Jesus

Numa visita ao Gabinete de Leitura, as crianças puderam ver fotos da Itanhaém antiga, inclusive da histórica Maria Fumaça, movida a carvão. Lá foi a vez de conversar com a professora Ana Maria Ferreira, a Nana. Foi ela quem ensinou a música “Trenzinho do Litoral”. Aprender a música, cantar juntos e conhecer o trajeto e a história de cada localidade do caminho do trem fez toda diferença para a turma.

Você Sabia que existe uma música que se chama Trenzinho do Litoral? Essa música foi feita pela família Zwarg, para lembrar o trajeto do trem entre Santos e Juquiá. Fala sobre diferentes lugares onde o trem passava, da estação de Itanhaém até chegar a Juquiá.

Eloá Hadassa de Souza e Jhennyfer Cristina Rubio Araújo, Ricardo de Mello Romanha Santanna e Vitor Gabriel de Oliveira Almeida





A melodia foi sensação entre a meninada e a letra grudou na cabeça dos alunos que nem chiclete. Todo mundo voltou cantando o seu refrão:

“É um trenzinho que sai lá da Ana Costa,
Sacode, sacode, mas a gente gosta”

O relato do Ricardo traduz bem a alegria que foi aprender com música sobre a rota do trem:

Os trens eram o meio de transporte de antigamente e existia o trem de carga e o de passageiros. Eu amei a música “Trenzinho do litoral” e aprendi onde o trem passava: Ana Costa, Santos, Samaritá, São Vicente e muitos outros lugares, além de Itanhaém. O copiloto alimentava o trem com carvão para ele andar.

Ricardo de Mello Romanha Santanna

Outra coisa que não podia faltar era a visita ao local da antiga estação. A Giovana Vegas confirma: “Eu amei o passeio! Fomos no portal, vimos os trilhos que ainda tem e também aprendemos a música.”

Como existem linhas que ainda passam pelos lugares percorridos pelo ramal da Sorocabana, deu para ter uma ideia de como era o trajeto. Também encantou as crianças saber das casas construídas nos arredores da Estação para moradia dos antigos funcionários. A curiosidade foi tanta que eles ficaram craques no assunto e agora podem contar coisas bem legais:

Você sabia?

– Que a Maria Fumaça era movida por carvão?

E que passava por Itanhaém?

Ricardo de Mello Romanha Santanna e Vitor Gabriel de Oliveira Almeida

– Que existem dois tipos de trem, de carga e de passageiros? Os trens de cargas carregam alimentos e outros produtos, como madeira e areia. E os trens de passageiros são utilizados como meio de transporte público.

Pedro Henrique Ribeiro Ferreira e Vicent de Oliveira Gomes

– Que os trens de carga carregavam materiais, comida, terra e diversas mercadorias, como automóveis, móveis e líquidos?

Clarice Lind da Veiga e Heloísa Constantino Cruz

BAIRRO BELAS ARTES

EM Profª Maria Graciette Dias
Professora Lyzandra de Camargo
Turma 5º ano A

À primeira vista ele parece um bairro residencial como qualquer outro. Mas a turma descobriu que o Belas Artes guarda um passado de muita história e cultura. Seu nome lembra a época em que artistas do Brasil inteiro encontravam inspiração nesse cantinho de Itanhaém. A partir de uma roda de conversa com Fábio Carreira, ex-diretor da escola Maria Graciette, a garotada escreveu relatos históricos interessantíssimos, como esse:

O nome Belas Artes, criado em 1950, deve-se à influência dos pintores e das obras de arte que mostram paisagens desta cidade. Mas nem sempre ele se chamou assim.

Chamava-se inicialmente Rio do Poço, devido ao rio que corta o bairro e a cidade. Depois disso, passou a se chamar Sessenta, por causa da parada quilômetro 60 da Estrada de Ferro Sorocabana, e em seguida Vila Nova, porque Vila Velha era o centro da cidade e uma nova região estava surgindo, povoada por pessoas de outros lugares, que chegavam de barco ou de trem.

Um dos artistas mais famosos de Itanhaém foi Benedito Calixto (1853–1927), um pintor nascido na cidade, que estudou muito a região.

Muitos pintores vinham para Itanhaém passar as férias na Chácara das Tâmaras e pintar a cidade: Francisco Parlagreco, Antonio Parreiras, Manuel F Lisboa, Rodolfo Amoedo, Pedro Américo, Eliseu Visconde e Almeida Júnior, entre outros.

Em homenagem aos pintores, decidiram colocar seus nomes em ruas e escolas daqui.

Gustavo Godoy de Mendonça



Dos grandes nomes que passaram pelo Belas Artes, foi o artista Benedito Calixto quem mais fisgou a atenção dos alunos, porque ele também era filho da nossa terra. A paixão dele pelo bairro e por Itanhaém era tanta que “se Calixto voltasse um dia, ficaria pro resto da vida”, como disseram a professora Lyzandra e o filho Matheus, na paródia que criaram juntos sobre o Belas Artes. Calixto imortalizou a paisagem local nas suas pinturas. Para aprender mais sobre ele, a turma visitou a Pinacoteca Municipal de Itanhaém e conversou com o escritor Gustavo da Mota. Daí vieram lindos poemas escritos em dupla e em grupo:

Benedito Calixto

Benedito Calixto
Um pintor excelente
Com suas lindas obras
Inspirou muita gente

Desde pequeno
Já amava pintar
Com carvão nas paredes
Se pôs a desenhar

Pintou em igrejas
Pintava as praias
O cotidiano
A cultura Caiçara
**Heloísa Nogueira Aoki,
Nicolle Santana de Lima
e Vitória Alves de Oliveira**

Benedito Calixto
Um grande pintor
Em telas a óleo
Suas obras deixou.
Quando criança
Com carvão pintava
Em suas paredes brancas
Instantâneos deixava.

Pelas praias de Itanhaém
Quanta inspiração
Pintou de tudo com apenas
Pincéis, tinta e imaginação!
**Gustavo Godoy de Mendonça
e Laura Martins Petrella**



Belas Artes

Não é no coração da cidade
que a arte pulsa forte
é no bairro Belas Artes
E não há quem não note
Onde a cor e a forma
dançaram em perfeita união
e as artes foram pintadas
com uma formidável paixão

Benedito Calixto
Amigo das telas
com sua paixão
pintou vistas belas

Tinha muitos amigos
ao longo de caminho
Volpi, Malfatti, Rodolfo
Bernardino e Emídio

E as ruas do bairro
homenageiam os pintores
Este é o Belas Artes
Cheio de artes e cores
Jonas Amani Faustino Santos
e **Samuel dos Santos Daves**

Durante as pesquisas, a criançada também se interessou pela Ilha das Cabras, pela Praia do Sonho, pela Praia das Conchas e pela Praia dos Pescadores, quatro “belas vistas”, como disseram o Jonas e o Samuel, espalhadas pelo bairro. Descobriu então que não foram só os pintores que divulgaram as paisagens itanhaenses. A Praia dos Pescadores, por exemplo, virou cenário de novela. E com direito a uma estátua que lembra a época das gravações.

A Praia do Sonho é um dos pontos turísticos mais visitados de Itanhaém. Lá tem um costão rochoso e, atrás do costão, tem uma praia que não tem areia, só conchas e por isso é conhecida como “Praia das Conchas”.

No Morro do Paranambuco, há uma pedra chamada Pedra da Esfinge. Lá de cima tem uma vista linda e dá para ver a Ilha das Cabras.

Na Praia dos Pescadores, fica a estátua Mulheres de Areia, em homenagem à novela. Nessa praia tem o costão rochoso, onde as pessoas vão pescar, e a Ilha das Cabras, que recebeu esse nome porque antigamente as pessoas guardavam as cabras lá, para não fugirem.
Cauã de Freitas Almeida

Acredita-se que o nome Itanhaém tenha a ver com os costões desse trecho do litoral. Seu significado, “pedra que canta”ou “pedra que chora” seria uma referência dos indígenas ao barulho das ondas que se quebram contra os rochedos.

As paisagens de Itanhaém são inspiradoras. O Felipe, o Danilo e o Gabriel celebram essas imagens inesquecíveis com um poema:

A Praia dos Sonhos
É conhecida por suas maravilhas
Foi pintada por vários artistas
Que admiraram sua linda vista
Há também outra praia deslumbrante
Onde a cultura caiçara é predominante

É a Praia dos Pescadores
Cheia de histórias interessantes
Uma ilha onde cabras se guardavam
E uma estátua da novela que gravaram
**Felipe de Souza Alves, Danilo Alves Silva Filho
e Gabriel Santos Macedo**

E é no ritmo de um trem, um transporte tão importante para a região, que os alunos escreveram sua despedida do bairro e de suas praias, que enchem Itanhaém de orgulho.

Piuí... Piuí...
O trem vai partir.
Piuí... Piuí...
Para Itanhém vai seguir.

Piuí... Piuí...
Terra de Calixto pintor.
Piuí... Piuí...
O bairro Vila Nova
Transborda cor.

Piuí... Piuí...
O bairro é espetacular.
Piuí... Piuí...
Com lindas praias para se admirar.

Piuí... Piuí...
O trem vai partir.
Piuí... Piuí...
Para o bairro
Da estação Sessenta prosseguir.

Piuí... Piuí...
O trem chegou com pintores.
Piuí... Piuí...
Para pintar nossas paisagens
Com imaginação e diversas cores.

Piuí... Piuí...
Assim surgiu Belas Artes
Piuí... Piuí...
Um bairro cheio de arte
Nos nomes das ruas, por toda parte.
Poema coletivo

BOCA DA BARRA

EM Harry Forssell

Professora Tatiana Cristina Gil de Carvalho

Turma 9º ano B

Um dos cartões-postais da cidade, o lugar onde o rio Itanhaém desagua no mar, a Boca da Barra é o cenário de domingos em família, mergulhos, passeios de barco, céus de pôr do sol.

Um lugar perfeito para relaxar
Sozinho ou com a família
Durante o pôr do sol deslumbrante
Ouve-se o barulho das ondas
Que quebram na praia, longe.

As gaivotas que vêm se encontrar
beijam as águas do rio e do mar.
Aqui, elas se misturam,
dando beleza ao lugar.

As crianças também se divertem,
Na praia tranquila que também é rio.
E a maré, às vezes alta ou baixa
Está a paisagem sempre mudando
E um lindo cenário vai desenhando.

De longe se veem muitos barquinhos
Azuis, brancos e vermelhos.
A boca da Barra,
show da natureza, no meio da cidade,
um lugar de tranquilidade.

Maria Eduarda Santos Teixeira

O Yuri nos leva com ele num passeio por suas lembranças:

Colecionando Memórias

Lembro-me das tardes de domingo na Boca da Barra junto a minha família, das brincadeiras de criança, da umidade do ar e até mesmo do cheiro da maresia. Eu me sentei sobre o banco e observei o movimento contínuo das ondas. A lua já surgia, e com ela chegava um brilho confortante, que clareava suavemente o horizonte. Olhei para a frente e vi o mar, a natureza, a tranquilidade dos barquinhos que todos os dias navegam, sem se preocupar com as horas passando. Mas, ao mesmo tempo, logo ao lado, pode-se ver os carros que trafegam pela avenida, o agito do dia a dia.

Aqui nasci, cresci e pretendo continuar colecionando as minhas memórias.

Yuri Camillo Viana



E a Geovanna criou uma história que poderia bem ser uma das famosas lendas de pescador.

Algo marcado para sempre

Sou um pescador muito conhecido por aqui. Gosto muito de pescar na Boca da Barra. Minha história, mas não é só mais uma, um clichê de um pescador qualquer.

Em uma terça comum, às 17:00 horas, resolvi pescar, já que gosto de ver o sol que se põe por trás dos barquinhos de pesca.

O vento bagunçava os meus cabelos grisalhos, a brisa da maresia batia no meu rosto.

Cheguei a uma parte tranquila do oceano. Joguei minha rede e me sentei na ponta do barco. Olhando para a água, avistei algo brilhante vindo em minha direção.

Uma mulher se apoiou na borda. Ela era diferente: era linda, com um canto envolvente. Era uma sereia. Sua cauda magenta, brilhante, tirava a beleza do céu agora escuro, com as estrelas reluzindo, lá no alto. A lua ofuscava o seu brilho.

Ela sorriu para mim, antes de voltar para as águas. Fiquei pensativo. Sempre achei que sereias não eram reais, ou que seriam tão belas. O sorriso mais brilhante do que as estrelas, os olhos, escuros como a noite.

Ela era a definição de perfeição

Geovanna Marcelle Mello Zanardo



A Beatriz escreveu sobre o papel que a Boca da Barra

tem na vida dos pais da Raquel, sua amiga de classe!

Maria e Joaquim
se encontraram por aqui
como tantos outros casais
estavam a beira do cais.

Onde os barcos ficam dormindo
de Segunda a Domingo
prontos para sair e levar
os pescadores para trabalhar.

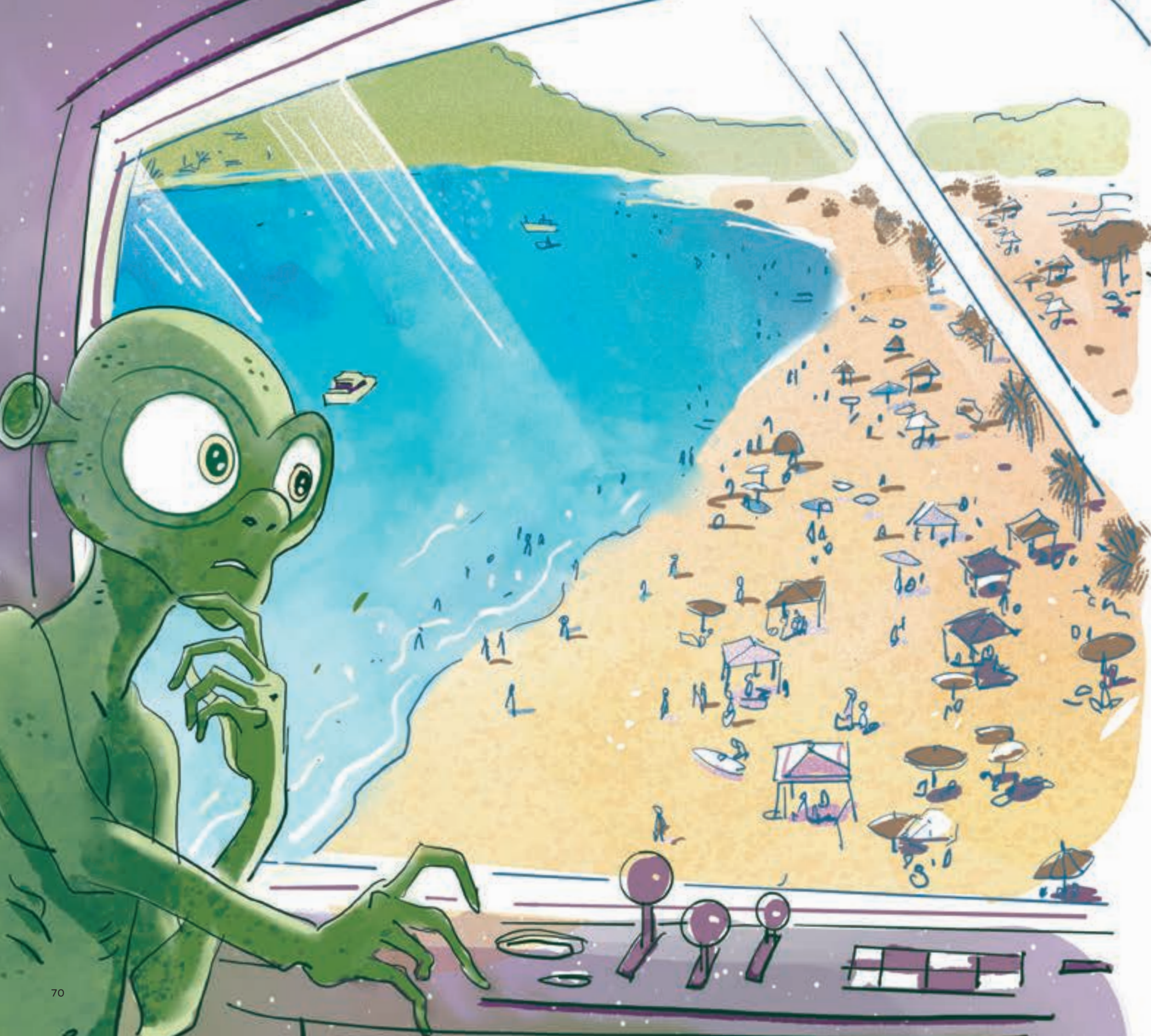
Ali deram seu primeiro beijo
então despertou o desejo
o cenário é um lindo lugar
onde pessoas costumam se encontrar
para passear ou se exercitar.

Cantinho cheio de uma natureza
que pinta o céu de beleza
com raios de sol coloridos
virou do casal seu local preferido.

Na Boca da Barra nasceu o sentimento
diante dos passáros que vêm e vão sobre as águas
que são frutos de um casamento:
O encontro do rio com o mar
paisagem perfeita para namorar.

Maria e Joaquim se casaram
e a Boca da Barra sempre voltaram
porque faz parte da sua história
para sempre marcada na memória.

Beatriz Rosa Teixeira Pimentel



E o Pedro imaginou a Boca da Barra na visão de... um viajante de outra galáxia!

Caro comandante,

Este é o meu relatório sobre a terra na qual fui parar depois de entrar naquela máquina. Parece que ela beira o mar, perto de uma pequena vila chamada Itanhaém. Nela, há um local de rara beleza, a tal chamada "Boca da Barra".

À primeira vista, percebi criaturas rastejantes de pelagem amarela, usadas pelos aventureiros, conhecidas por aqui como "táxi". O mais notável é o vasto mar, azul brilhante, que se mistura com o rio. Sobre ele há pequenos "dragões voadores" com pelagem branca e cinza e patas amarelas, conhecidos como "Gaivotas".

Porém, há um tipo de criatura que se diz evoluída, com em média 1,70 metro de altura, mamíferos que andam em grupos, são os famosos "seres humanos". Eles poluem as ricas águas e areias deste lugar. Mas há variantes desta espécie que existem para combater esses seres malignos, limpando e renovando águas.

A Boca da Barra também ajuda na economia deste lugar, pois nas águas existem seres com escamas brilhantes e pele clara, com muitas variações, que servem de alimento. São os tais "Peixes", consumidores de algas, plantas e de outros indivíduos da sua espécie. Essa caça, chamada "pesca", é fundamental para a vida.

Para encerrar: não há nada melhor do que pairar neste lindo pôr do sol e, em todas as galáxias que eu já explorei, nenhuma teve este esplendor.

Pedro Henrique Francisco

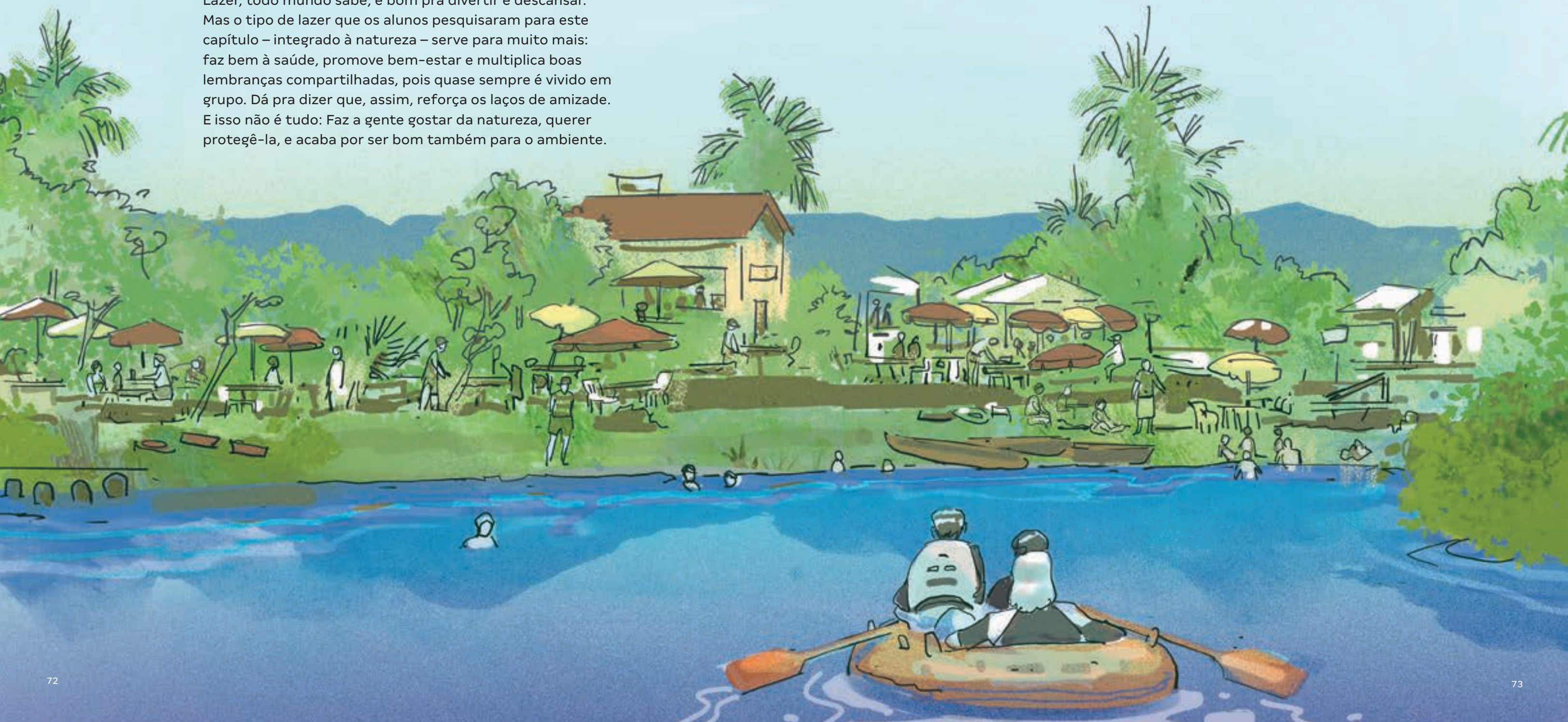
A NATUREZA COMO ÁREA DE LAZER

EM Profª Maria Cristina Macedo Gomes

Professoras Bernadete Tiago dos Santos e Valéria Caviquioli Martins

Turmas 5º ano A e B

Lazer, todo mundo sabe, é bom pra divertir e descansar. Mas o tipo de lazer que os alunos pesquisaram para este capítulo – integrado à natureza – serve para muito mais: faz bem à saúde, promove bem-estar e multiplica boas lembranças compartilhadas, pois quase sempre é vivido em grupo. Dá pra dizer que, assim, reforça os laços de amizade. E isso não é tudo: Faz a gente gostar da natureza, querer protegê-la, e acaba por ser bom também para o ambiente.





No coração de Itanhaém
Entre a serra e o mar,
O lazer se faz poesia,
Com a natureza a cantar.
É no Country, no rio Preto,
Que o povo vai se encontrar.

As famílias se reúnem,
Com sorriso e alegria,
Crianças correm nos gramados,
Adulto joga e se anima.
Mas, sempre a Mata Atlântica
Protege e dá harmonia.

O rio Preto é convidado
Pra essa festa natural,
De águas escuras e quentinhas,
Correndo sem ter igual.
É berço de vida e encanto,
É riqueza ambiental.

Quem vai pescar no seu leito,
ou passear de canoa,
Percebe que o lazer é lindo
E em tudo a paz ecoa.
Mas também é compromisso
De cuidar da vida boa.

A Mata Atlântica resiste,
Mesmo com algumas invasões,
Abriga aves e bichinhos,
É pulmão da região.
Sem ela não há futuro,
Nem lazer, nem tradição.

O Country, o rio e a Mata
São tesouros naturais,
Lazer e natureza juntos,
Dão lição pra se aprender:
Quem protege esse presente,
Deixa o amanhã florescer.

O lazer também floresce,
Na Ilha do Mauricinho.
Entre sombras e imensidão,
Famílias fazem churrasco,
Piquenique e garantem a diversão.

As crianças brincam no parque,
Felizes, soltam balões,
Em contato com a natureza,
Se abraçam e dançam
sob efeito da imaginação.
Produção coletiva

A Mata Atlântica encobre o rio,
Como um manto a proteger,
No vai e vem da ventania,
De modo sincronizado,
Dançam, árvores e rio,
É bem bonito de se ver.

A Mata Atlântica é um bioma
Que transmite inspiração,
O lazer pode ser em trilhas,
E permite, com certeza,
Alegria e diversão.

Uma coisa eu te digo,
Essa é a minha moradia,
Que pra sempre vou amar.
Gabriela Rodrigues da Silva

O escuro das águas, o verde da mata, o frescor do vento, o som dos pássaros... nossos escritores nos ajudam a imaginar os lugares que visitaram:

Rio Preto ou rio coca-cola,
Tão bonito que ninguém ignora.
Conhecido por suas águas escuras,
Encanta a todos com sua formosura.

No Country tudo é natural,
Nunca vi algo tão fenomenal.
As matas de lá são tão bonitas
Recomendo a você fazer uma visita.
Robalo, Tainha e Parati
São alguns dos peixes que podemos pescar ali.

A Mata Atlântica respira com força,
Verde, intensa, chão de raiz.
Cantam aves, dançam ventos,
Num pedaço raro e feliz.
Essa mata é cheia de surpresas,
E encanta com tanta beleza.

No coração do rio calmo,
Esconde-se na linha do tempo,
A ilha do Mauricinho.
Com sua brisa e acalento,
Pescadores nos barcos e risos

Sob o olhar sereno do sol que brilha.
Assim segue a natureza viva de Itanhaém
Transbordando histórias no olhar,
Quem pisa nesse chão sagrado,
Leva um pedaço no coração a guardar.
Isabella Cândido Ferreira



A água na boca de pensar na comida caçara e o prazer do passeio podem ter inspirado a turma. Mas Itanhaém tem um compromisso com a felicidade, que exibe no brasão de sua bandeira. Angulus Ridet, as palavras em latim que se lêem ali, significam “lugar que nos sorri”. Dá pra entender que, para concluir de barriga cheia, a turma tenha transformado sua experiência nesta receita culinária:



RECEITA PARA SER FELIZ

INGREDIENTES:

- Natureza da Mata Atlântica
- Rio Preto
- Country Clube
- Ilha do Mauricinho (Ilha do Rio Acima)

Modo de preparo

Comece pegando a Avenida Gentil Peres em direção ao bairro Jardim Coronel, você pode ir à pé, de bicicleta, de moto, de carro ou de ônibus, o importante é já observar um pedaço da Mata Atlântica aproveitando todo seu frescor e ar puro.

Logo à frente chegará ao rio Preto, descubra a sua cor meio alaranjada escuro devido a grande quantidade de ferro em suas águas, e sabia que quanto mais preto mais novos e quanto mais brancos mais antigos? Então o rio Branco, que encontra o rio Preto originando o rio Itanhaém, foi formado na época dos dinossauros, ou seja, o rio Branco que vem da Serra é muito antigo! E observar esse encontro onde as águas não se misturam é um espetáculo natural.

Em um dia de sol quente, divirta-se com um mergulho nas águas refrescantes do rio Preto. Você também poderá pescar, passear de barco, de jet ski e de stand-up, ou simplesmente sentar em um lugar sossegado para observar a natureza e seus habitantes.

O macaquinho Sagui, pulando de galho em galho, o pássaro Socó Dorminhoco, que é tipo um ninja – fica parado esperando o peixe aparecer e estica o pescoço rapidamente para pegá-lo –, o biguá, pode ficar até cinco minutos debaixo d'água para pegar o peixe... Para relaxar, poderá pescar peixes maravilhosos, como a tainha, o parati e o robalo. Além de desfrutar das pousadas e campings, onde à noite conseguimos ver vagalumes iluminando a Mata Atlântica e o rio Preto.

Adicione uma pitada de aventura atravessando o rio Preto de barco, com o barqueiro Luiz Maurício, para a Ilha do rio Acima. Em seu quiosque, ele oferece porções de peixes e acompanhamentos deliciosos! No trapiche, onde os barcos ancoram, pode-se ficar sentado curtindo o sol, com os pés na água. Tem o parquinho para criançada, um campo de futebol e churrasqueiras – tudo cercado de natureza.

Neste pequeno paraíso, misture tudo isso para ser feliz!

Segredo do chefe:

Uma pitada de amor com muita consciência, para preservar esse lugar que nos oferece experiências de lazer integrado à natureza. Preservar e servir em grandes porções. Delicie-se com essa receita.

Produção coletiva

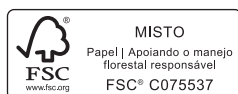
Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michele da Silva Soares
Texto final: Marta Góes
Colaboração no texto final: Michele da Silva Soares
Ilustrações: Olavo Costa
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marta Góes e Olavo Costa, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-070-5



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

G598i Góes, Marta.
Itanhaém : a cidade da gente / organização Marta Góes ; ilustrações Olavo Costa e Jordí — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-070-5
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Costumes. 6. Itanhaém (SP). I. Costa, Olavo. II. Jordí. III. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

Secretaria de Educação

Diretora Pedagógica: Chrystina Magalhães Gomes Sagres
Assessores Pedagógicos na área de Educação Ambiental:
Ana Carolina Mendes Peres e Marcus Vinícius de Souza Ferreira
Professor: Ivan dos Santos
Diretora de Transporte Escolar: Eleni de Fátima Paulillo

Colaboradores

Ana Maria Ferreira (professora Nana)
Daniel Monteiro Bortone (biólogo e médico veterinário)
Fábio Carreira (ex-diretor da EM Maria Graciette)
Gabriel Boralí de Abreu (biólogo palestra papagaio-da-cara-roxa)
Guilherme da Silva Marques Correia (pescador)
Gustavo da Mota (escritor)
Helena Cristina da Silva Gouveia (professora intérprete de libras)
José Souza Santos (biólogo palestra papagaio-da-cara-roxa)
Lenira Djatsy Dina de Oliveira (vice-diretora da escola da Aldeia Nhamandú Mirim)
Luiz Maurício Silva Alves (Mauricinho)
Marcos Carneiro Marques (Bagre)
Marcos Rogério Meneghessi (Projeto Caixa de Pescado)
Regina Muri (professora do Jardim Comunitário Daniel de Oliveira)
Ronaldo Lopes (artista plástico e escultor)
Roseli Raunaimar, Erian Dantas e Sandra Vieira (equipe do Centro de Educação Ambiental – CEA no Parque Amazônia Paulista)

fomento



patrocínio



parceria



produção
executiva



realização



Era uma vez Itanhaém. Um dia as crianças e adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... O Encontro das Águas, a cultura caiçara, a Estação Ferroviária, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.



fomento

patrocínio

parceria

produção
executiva

realização

PROAC
SP

OLHARES

Neoenergia
Elektro

Neoenergia
Instituto

SEDUC
Secretaria de Educação

**PREFEITURA DE
ITANHAÉM**

doble.
cultura

**CULT
SP**

SÃO PAULO
GOVERNO
DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas